

PARA O ESTUDO DAS DIFERENÇAS TEXTUAIS TIPOLÓGICAS CONTRIBUTOS DA ANÁLISE TEMÁTICA

MARIA DA FELICIDADE ARAÚJO MORAIS
(Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

De um modo geral, podemos verificar que os ouvintes/leitores razoavelmente competentes identificam o tipo a que pertence um dado texto antes mesmo de concluírem a sua apreensão (audição/leitura). Face a esta constatação, levantámos a hipótese de, em posição inicial, ocorrerem elementos que os orientem nesse sentido.

O trabalho que me proponho apresentar insere-se num estudo mais vasto, que realizei no âmbito da dissertação de mestrado, sobre possíveis correlações entre o tipo de unidades linguísticas realizadas em posição temática e as diferentes categorias tipológicas textuais. Neste momento, a nossa atenção centrar-se-á sobre um texto que actualiza o modelo (ou protótipo) textual argumentativo.

Começaremos por apresentar brevemente as assunções teóricas mais directamente implicadas neste estudo. Passaremos, de seguida, à análise das unidades temáticas frásicas do texto proposto. Da análise dos dados relevados, procuraremos, por fim, concluir quanto à adequação e relevância da análise temática para o estudo das marcas tipológicas textuais.

1. Enquadramento teórico

Na senda dos linguistas praguenses da chamada *Perspectiva Funcional da Frase* e dos linguistas do modelo funcional sistémico, entendemos a estrutura sintáctico-semântica frásica como uma unidade orientada para a consecução de um objectivo comunicativo. Desta orientação resultam incidências ao nível da organização das unidades informativas, as quais se materializam particularmente na bipartição tema/rema. Seguindo a proposta de conceptualização de Halliday

(*vide* 1985, entre outras obras do Autor), entendemos o tema frásico como a unidade sintáctico-semântica que desempenha a função de base ou fundação da mensagem expressa pelo sujeito falante num complexo oracional¹. É o alicerce ou ponto de ancoragem da mensagem. Semanticamente, o tema caracteriza-se por exprimir “aquilo acerca de que se fala”; na linearidade frásica, ele demarca-se pela sua ocorrência em posição inicial². O rema, por sua vez, corresponde aos restantes constituintes frásicos.

A estrutura tema-rema está essencialmente ligada à função de representação ou função ideacional da linguagem — cuja realização tem como unidade gramatical mais relevante o complexo oracional. A função de tema é, pois, realizada pela primeira unidade frásica de significado ideacional (um participante, um circunstante ou um predicador). O tema pode também integrar elementos que relevam das metafunções interpessoal e textual, se estes, na linearidade frásica, ocorrerem à esquerda do primeiro elemento ideacional.

Embora equacionada principalmente ao nível da frase, a estrutura tema-rema revela e/ou incorpora dimensões do nível textual. Por um lado, porque, sendo a frase um “segmento particular de um todo em cuja configuração participa e do qual resultam incidências específicas no seu próprio desenho” (Fonseca, 1992: 229), entendemos que há conexões recíprocas entre os níveis local e global. Por outro lado, porque a estrutura temática frásica é um dos meios de formação e organização de unidades semânticas superiores à frase — as chamadas macroestruturas textuais (do modo como são entendidas por van Dijk).

Convém também referir que perspectivamos o texto/discurso como um complexo integrado de estruturas heterogêneas, quer de sequências semânticas, quer de (micro-)actos discursivos, cujas ocorrência e articulação obedecem, entre outros, a factores de natureza superestrutural ou tipológica³. Assumimos ainda que a competência textual-comunicativa integra uma vertente sobre as propriedades superestruturais, a chamada competência textual específica, e que este saber se manifesta quer no momento de produção textual, quer no momento de percepção ou processamento da informação.

Por último, importa assinalar que entendemos os diferentes tipos de texto como protótipos, ou seja, como imagens mentais, abstractas, construídas a partir de propriedades típicas (Adam, 1992). O reconhecimento de um texto, ou de uma sequência, como actualização de uma determinada superestrutura, ou categoria superestrutural, tem um papel considerável (talvez até, em muitos casos, decisivo), no processamento adequado e eficaz da informação.

2. Análise de temas frásicos

Passemos agora à análise dos temas frásicos do texto seleccionado, procurando investigar neles possíveis indicações ou instruções susceptíveis de orientar o ouvinte/leitor para o reconhecimento desse texto como exemplo de

um texto de tipo argumentativo. Por outras palavras, o nosso objectivo consiste em procurar ver de que modo os elementos temáticos poderão contribuir para a aproximação do texto ao protótipo ou modelo textual da argumentação.

Numa primeira fase, procuraremos identificar o tipo de significado realizado em cada tema (segundo a proposta de Halliday, distinguiremos elementos de significado textual, interpessoal e ideacional) e o tipo de selecção envolvida no tema ideacional⁴. Para facilitar a posterior análise destes dados, apresentá-los-emos sob a forma de quadro, com entradas que nos permitirão distinguir o tema do rema, os elementos temáticos que realizam os diferentes tipos de significado e o tipo de selecção temática⁵. Numa segunda fase, a nossa atenção voltar-se-á para os tipos de significado mais recorrentes e para elementos que possam ser interpretados, por parte de um ouvinte/leitor comum, como marcas de estruturas globais (semânticas e /ou superestruturais).

Para representar aqui o protótipo do texto argumentativo, propomos o texto «Alunar e aterrar (na Lua)»⁶. Parece-nos que um leitor competente reconhece facilmente este texto como actualização de um modelo argumentativo: trata-se de um complexo textual no qual o locutor manifesta a sua opinião, a defende e procura convencer os seus interlocutores da justeza da sua posição. Por meio de uma série de enunciados, o locutor define a sua posição face a um problema — ‘deverá dizer-se *alunar* ou *aterrar* (na Lua)?’ — e defende-a, justificando-a e refutando uma posição oposta à que perfilha.

O texto «Alunar e aterrar (na Lua)» actualiza muitas das propriedades características de um arquétipo textual argumentativo. Sem pretendermos aqui delinear os contornos deste modelo textual — contornos que beneficiam de reflexões desenvolvidas no âmbito da Retórica, da Lógica, da Filosofia e, mais recentemente, da Linguística —, recordamos apenas, em termos gerais, o que delimita a especificidade dos actos discursivos em que ele é actualizado: nas palavras de Lopes (1997a: 158), “No cerne de uma argumentação, há sempre uma opinião expressa que, sendo controversa, suscita uma defesa e abre um espaço de contestação, efectiva ou virtual. Por isso, diremos que o objectivo central da argumentação consiste na justificação ou refutação de opiniões. Este objectivo concretiza-se através da produção de um conjunto de asserções que configuram uma constelação de argumentos a favor de ou contra uma determinada tese: aquele que argumenta visa convencer o interlocutor, obter a sua aprovação”.

O quadro que se segue representa a análise semântica das selecções temáticas realizadas ao longo do texto.

ACTAS DO XIV ENCONTRO NACIONAL DA APL

«Alunar e aterrar (na Lua)» *

*	Tipo de seleção	TEMA			REMA
		textual	interpessoal	ideacional	
A1	não marcado			<i>Lector assíduo,</i>	cujo anonimato nestas linhas solicita, pede-me a opinião a respeito do vocábulo <i>alunar</i> e da expressão <i>aterrar</i> (na Lua).
B2	não-marc.	Antes de mais,		[eu]	quero recordar um telegrama da <i>France-Press</i> que alguns dos nossos jornais reproduziam no dia 12 de Fevereiro de 1966:
[...]					
C3.1	não marcado			O primeiro comentário a isto	será, naturalmente, este:
C3.2	não marcado			o uso	resolverá se se acabará por dizer (com ou sem propriedade) <i>alunar</i> ou <i>aterrar</i> (na Lua).
D4.1	não marcado		Pela minha parte,	[eu]	vou, também, pelo <i>aterrar</i> , embora saiba que este verbo se relaciona com <i>Terra</i> ,
D4.2	não marcado	mas,	como o reconheceu a Academia Francesa (...),	<i>terra</i>	não é <i>Terra</i> ,
D4.3	marcado	pois		em <i>aterrar</i>	pensa-se no solo e não no planeta em que vivemos.
D5	marcado	De resto,		não faltam	exemplos de vocábulos cujo sentido inicial a linguagem corrente desviou.
D6	não marcado		Cito:	<i>louça de alumínio,</i>	<i>louça de esmalte, louça de madeira, embarcar no comboio, embarcar no balão, embarcar no avião, andar a cavalo no burro, pão fresco</i> (quando está quente), <i>café fresco</i> (idem), etc.
E7	marcado			Com a base <i>terra</i>	lembro, também: «enterrou uma faca no braço do seu captor» (como li recentemente num jornal).

PARA O ESTUDO DAS DIFERENÇAS TEXTUAIS TIPOLOGICAS

F8.1	marcado	Por outro lado,	pergunto	se amanhã alguém falecer na Lua,	por imitação do que fazemos aqui na Terra, procurar-se-á entregar o cadáver ao solo do nosso satélite
F8.2	marcado	e,		então,	<i>alunar-se-á</i> ou <i>enterrar-se-á</i> o corpo?
G9.1	não marcado		Estou convencido de que	se irá ⁷	para o segundo caso,
G9.2	não marcado	pois		o primeiro	nem virá logo à mente de quem fala,
G9.3	não marcado	nem		[o primeiro]	parecerá de aconselhar,
G9.4	não marcado	porque		<i>alunar</i> ,	como se sabe, procura impor-se na acepção de «descer na superfície da Lua».
G10	não marcado			<i>Alunar um corpo</i>	até poderia ser deixá-lo tombar no solo do nosso satélite...
H11	não marcado	E		quem diz isto de <i>enterrar</i>	poderá dizer coisa equivalente de <i>subterrar</i> ou de <i>soterrar</i> .
I12.1	não marcado			[nós]	Não esqueçamos, enfim, o comentário da Academia Francesa:
I12.2	marcado			se se reconhecer haver necessidade de utilizar <i>alunar</i> , para a Lua,	teremos, também, de criar <i>avenusar</i> , <i>amarciar</i> , <i>amercurlar</i> , <i>aneptunar</i> , <i>assolar</i> , etc., prevendo circunstâncias idênticas em relação a Vénus, Marte, Mercúrio, Neptuno, Sol, pelo menos...

* Texto de José Pedro Machado, *Diário de Lisboa*, 25/03/1967.
(in MACHADO, José Pedro, *Palavras a propósito de Palavras*, Lisboa, Ed. Notícias, 1992, p. 113-114.)

Começemos pela análise dos elementos temáticos de significado interpessoal. Esta dimensão é preenchida pelas expressões: *Pela minha parte* ([D4.1]), *como o reconheceu a Academia Francesa* ([D4.2]), *Cito* ([D6]), *pergunto* ([F8.1]) e *Estou convencido de que* ([G9.1]). Estas formas linguísticas relevam directamente de um processo semântico que se situa não ao nível da representação, mas da configuração do enunciado como uma prática interactiva. Em [D4.1], a forma temática interpessoal indica que o conteúdo proposicional que ela introduz manifestará a posição do locutor face à questão em apreço. De forma análoga, também em [G9.1] a expressão interpessoal cria expectativas semelhantes em relação ao tipo de conteúdo proposicional que se seguirá. Além

disso, *Estou convencido de que* manifesta também o grau de adesão do sujeito da enunciação aos conteúdos expressos no enunciado. Em [D4.2], em contrapartida, o tema interpessoal indica que a perspectiva do locutor se encontra em conformidade com a da Academia Francesa⁸. Em [D6] e [F8.1], por outro lado, estamos perante verbos performativos: *Cito* e *pergunto* são formas que descrevem explicitamente a acção que o locutor realiza por meio do seu enunciado e que, deste modo, definem a função do (micro)acto discursivo que introduzem.

Estas cinco formas temáticas interpessoais manifestam uma forte implicação do locutor no significado do texto. Há ainda, nos temas frásicos do texto, outros elementos que, embora directamente participantes na dimensão ideacional, reenviam também para a situação de enunciação. Referimo-nos, concretamente, às marcas de primeira pessoa do singular (em [B2] e [D4.1]) e do plural (em [I12.1]). Também estas formas, reconstruídas a partir dos traços de pessoa e número da flexão verbal, mostram o envolvimento do locutor naquilo que diz e, na parte final do texto (em [I12.1]), a extensão deste envolvimento ao(s) alocutário(s). Nestas marcas deícticas, reforça-se, portanto, a implicação do locutor no enunciado, implicação já (fortemente) manifestada nos temas interpessoais analisados.

As formas que acabamos de analisar revelam que, ao longo do texto, são recorrentemente seleccionados, como ponto de partida para a mensagem, elementos que codificam a presença do locutor no seu enunciado. Cria-se, assim, um método de desenvolvimento textual assente numa dimensão interpessoal. O dinamismo desta forma de desenvolvimento traduz-se na transição da afirmação pessoal do locutor, da sua tese e assunções, para a inclusão do(s) alocutário(s) no discurso (veja-se o *nós* inclusivo de [I12.1]), comprometendo-o(s), deste modo, nas conclusões para as quais o texto aponta.

Quanto aos elementos temáticos de significado textual, podemos verificar que, das vinte unidades frásicas delimitadas, dez (metade, portanto) são iniciadas por conectores discursivos que ligam a frase/oração que introduzem ao co-texto. As relações que estes articuladores estipulam são de diversos tipos — aspecto que passaremos a analisar.

Antes de mais (em [B2]), a primeira unidade de significado textual, que abre o segundo período (e também segundo parágrafo) do texto, indica claramente que se seguirá uma etapa inicial do desenvolvimento lógico do texto. Este conector indicia que a sequência por ele introduzida deverá constituir, de certa forma, um dado-base para etapas ou sequências textuais ulteriores. É, portanto, um elemento temático com função de organização textual. Função idêntica é a desempenhada por *Por outro lado* (em [F8.1]): este conector marca explicitamente uma transição no desenvolvimento temático, a qual é também sugerida pelo facto de ocorrer em início de parágrafo, e uma perspectivação

diferente da adoptada no co-texto precedente. É de notar que estes dois marcadores discursivos carregam também um valor argumentativo; assim, os constituintes discursivos que eles prefaciam tendem a ser interpretados como subpartes de uma estrutura textual argumentativa.

Em paralelo a este sentido de estruturação discursiva/textual, o conector *Por outro lado* tem também um valor de conjunção ou adição. De facto, a sua ocorrência implica que no co-texto anterior esteja presente uma unidade em relação à qual a articulada por este conector se encontra coordenada. Este sentido de adição de novos argumentos aos apresentados anteriormente é também activado pelas conjunções coordenativas copulativas (*e*, em [F8.4] e [H11], e *nem*, em [G9.3]) e pelo conector *De resto* (em [D5]). Este último conector tem um forte valor argumentativo na medida em que indicia que a informação expressa na oração que introduz, além de coorientada em relação à aduzida no co-texto precedente, tem uma função argumentativa mais relevante. Cumulativamente, o significado deste conector indica também que a informação que ele introduz constitui uma fase final de uma sequência do texto.

A par deste nexos semântico de adição, na dimensão do significado textual temático, encontramos ainda partículas que explicitam conexões de mais dois tipos. É o caso da conjunção adversativa *mas* (em [D4.2]), que indica claramente uma ligação contrastiva ou de contrajunção (i.e., o conector indica que o conteúdo da mensagem que se segue não é conforme às expectativas mais imediatas criadas pelo enunciado anterior). É também o caso de conectores que assinalam e exprimem um tipo de junção que conecta sequencialmente frases cujos conteúdos proposicionais são apresentados como mantendo entre si uma relação hierárquica de dependência semântica. Referimo-nos, concretamente, aos conectores *pois* (em [D4.3], [G9.2] e, por extensão deste último, em [G9.3]) e *porque* (em [G9.4]): estes conectores indicam claramente que a proposição expressa na frase que iniciam apresenta a causa, a razão ou o motivo de proposições anteriormente expressas. É ainda de notar que, nestas frases do texto, o termo antecedente é colocado após o termo consequente⁹, o que manifesta que, na sequencialização discursiva, há uma orientação temática para a explicitação ou justificação de proposições precedentes.

Ao nível do significado ideacional, deparamos também com elementos temáticos que manifestam igualmente uma relação de dependência ou subordinação semântica. É o caso dos temas *se amanhã alguém falecer na Lua* (de [F8.1]) e *se se reconhecer haver necessidade de utilizar 'alunar', para a Lua* (de [I12.2]), que são o termo antecedente de construções condicionais hipotéticas típicas (Mateus et al., 1992³: 301-302). Nestes casos, o tema ideacional da frase é um circunstante que especifica a condição em que se verificará o conteúdo proposicional da oração principal. Além destas construções, podemos ainda constatar um nexos de dependência semântica envolvendo um antecedente

e um conseqüente, desta forma ordenados linearmente, em [F8.2] e [H11]. No primeiro caso, *então* (o tema de [F8.2], que podemos parafrasear por “assim sendo”) parece retomar anaforicamente um referente construído no co-texto — designadamente, a situação de “enterrar” alguém na Lua — e constituir-se como antecedente para um espaço lógico em que a questão enunciada no rema se torna relevante. No caso de *quem diz isto de ‘enterrar’* (tema de [H11]), entre esta proposição e a expressa no rema há também um nexos semântico que pode ser encarado como uma relação de antecedente/conseqüente¹⁰ — parafraseando [H11], podemos tornar mais clara esta relação de condição/conseqüência: “se se defender isto a propósito de *enterrar*, então também se deverá defender o mesmo para *subterrar e soterrar*”.

Face a esta constatação e à nossa última observação a propósito dos elementos temáticos de significado textual, poderemos afirmar que nos temas frásicos deste texto predominam termos ou elementos de construções de tipo condicional, no sentido lato do termo — i.e., construções em que as proposições mantêm entre si relações de dependência semântica. Em oito das vinte unidades frásicas analisadas, é codificado este nexos semântico em posição temática, ou por meio de conectores textuais, ou por meio de circunstâncias ideacionais que exprimem a condição.

A presença recorrente deste tipo de nexos semântico no tema cria um método de desenvolvimento peculiar baseado no raciocínio lógico. Efectivamente, os elementos de articulação que destacámos fornecem instruções para um processo interpretativo assente na articulação lógica das proposições expressas. Criam-se, portanto, em posição temática, uma estruturação e progressão particulares que levam (e forçam) o locutário a interpretar as proposições como semanticamente interconectadas.

Mais especificamente, vemos que nestes temas do texto são expressas articulações lógicas de tipo binário que envolvem membros de uma relação semântica condicional. Em termos genéricos, podemos dizer que são membros desta relação ora o enunciado que se pretende fazer admitir (a conclusão), ora o enunciado que sustenta aquele (o argumento ou premissa). Estes termos são, pois, duas categorias funcionais da orientação discursiva instaurada no texto. Tendo em conta o membro deste nexos realizado como tema, podemos distinguir no desenvolvimento temático dois movimentos discursivos opostos: por um lado, nas unidades frásicas introduzidas pelos conectores *pois* e *porque*, o discurso está orientado para a explicitação das premissas, dos critérios, princípios ou assunções que fundamentam a posição do locutor; por outro lado, nas unidades frásicas em que é realizado no tema um circunstante condicional, o desenvolvimento da informação orienta-se das premissas ou argumentos para a conclusão. Assim, poder-se-á dizer que o método de desenvolvimento de articulação lógica deste texto se desdobra em dois movimentos: um exprime uma relação de

demonstração — movimento realizado pelos conectores que fornecem instruções para a interpretação dos enunciados que introduzem como dados aduzidos para a justificação de algo; um outro activa uma conexão inferencial — movimento iniciado pela introdução de uma condição que deverá ser interpretada como premissa ou argumento de uma dada conclusão. Por outras palavras, o método de desenvolvimento do texto segue, respectivamente, ora uma orientação retrogressiva (conclusão > premissa/argumento), ora uma orientação progressiva (premissa/argumento > conclusão).

Quanto ao tipo de significados realizados nos temas frásicos, há ainda a registar um pormenor relativo à ocorrência de “aterrar” e “alunar” em posição temática. Como sugere desde logo o título, o texto constrói-se sobre estes termos apresentados como antitéticos. Ora, uma análise dos lexemas recorrentes em posição temática evidencia não só o papel destes dois termos como base da construção do texto (*aterrar*, em [D4.3], *terra*, em [D4.2] e [E7], e *enterrar*, em [H11]; *alunar*, em [G9.4], [G10] e [I12.2], e *Lua*, em [F8.1] e [I12.2]), como também a sua relação de opostos antitéticos (ora é tomado um como ponto de partida, ora é tomado o outro, e nunca ambos simultaneamente). A distribuição destes elementos tem a particularidade de configurar um desenvolvimento temático orientado de *aterrar* (tese) para *alunar* (antítese)¹¹.

Em suma, em posição temática registámos algumas recorrências que nos levaram a assinalar métodos de construção e desenvolvimento temáticos que tomam como ponto de partida: a dimensão interpessoal, conexões ao nível do significado ideacional e do significado textual e a oposição entre os lexemas “aterrar” e “alunar”.

Por fim, integrando algumas das observações já feitas, procuremos (re)ver elementos que assinalam a orientação discursiva e a delimitação de diferentes sequências textuais intermédias — e que, por conseguinte, contribuem para a construção do significado macroestrutural e a identificação da função superestrutural da sequência.

Em primeiro lugar, é de notar que o primeiro período ([A1]) tem uma função topical em relação às restantes unidades frásicas do texto: especifica o tema global do texto e leva o ouvinte/leitor a prever que o locutor manifestará a sua opinião a propósito do tema e procurará sustentá-la. As três vias de desenvolvimento temático que detectámos correspondem, precisamente, às expectativas criadas por este primeiro parágrafo — o que revela que os temas frásicos reflectem o que é apresentado como ponto de partida para o texto.

Ao longo do texto, são numerosos os elementos que explicitam a função dos micro-actos discursivos realizados pelo locutor. As expressões que preenchem a dimensão interpessoal temática e os conectores lógicos que assinalámos realizam explicitamente esta função, como vimos: aquelas, indicando a relação do locutor com o seu enunciado e/ou assinalando o tipo de acto

ilocutório; estes, sinalizando dependências semânticas entre proposições (e, por conseguinte, a relevância de umas em relação a outras). Estes elementos percorrem todo o texto, fazendo deste um complexo de micro-actos explicitamente articulados. A presença recorrente de determinados tipos de significado em posição temática é factor de coesão textual, pois leva o ouvinte/leitor a apreender as diversas sequências intermédias como partes da estrutura global em que se inserem.

Por último, parece-nos que também a percepção do término do texto beneficia da contribuição de elementos temáticos. Efectivamente, o tema de [H11], que aponta para uma generalização das conclusões a que se chegou no texto, e o tema de [I12.1], que supõe a adesão do(s) alocutário(s) à tese defendida e aos argumentos aduzidos, fazem prever que o texto terá já atingido os seus propósitos.

Concluindo, notamos que em posição temática são introduzidas instruções que criam expectativas em relação ao texto ulterior e orientam o ouvinte/leitor na construção da macroestrutura e da superestrutura textuais. Os elementos temáticos funcionam como primeiras instruções que activam uma série de procedimentos interpretativos. São instruções iniciais que ajudam o leitor a prever a orientação das sequências que iniciam, criando expectativas em relação ao tipo de significado global da sequência (à sua macroestrutura) e à funcionalidade da mesma na economia global (categoria superestrutural).

É evidente que, na interpretação destes elementos temáticos como indícios da organização macro e superestrutural, intervém poderosamente a competência textual tipológica do ouvinte/leitor.

3. Considerações finais

Os significados mais recorrentes nos temas do texto analisado apontam inequivocamente para algumas das características cruciais do modelo textual que ele actualiza. Os textos reconhecidamente tidos como de tipo argumentativo caracterizam-se, em termos gerais, pela implicação do locutor no seu enunciado e pela presença de dois tipos de micro-actos essenciais: uns, representando o que se pretende fazer admitir, e outros, aduzindo argumentos para sustentação daqueles. Ora, nos temas frásicos de «Alunar e aterrar (na Lua)», constrói-se, como vimos, um desenvolvimento temático assente na expressão destas duas dimensões: de facto, a manifestação do locutor no enunciado e os elementos característicos da expressão de relações de dependência semântica são uma constante temática ao longo do texto. Parece-nos, portanto, legítimo concluir que os elementos temáticos, pelo tipo de significado que realizam, são potenciais marcadores da categoria tipológica do texto.

Creemos que a análise temática é ou poderá ser um método privilegiado para uma mais rigorosa fundamentação linguística das diferenças tipológicas

textuais. O estudo aqui realizado e diversas análises que temos feito sugerem que a organização temática da frase pode ser perspectivada como um dos mecanismos disponíveis para (e usados pela) diferenciação tipológica. A análise temática afigura-se-nos, assim, um meio privilegiado para o acesso a dimensões envolvidas na competência textual específica.

Notas

- 1 Os termos *tema* e *rema* têm sido utilizados recorrentemente em várias e diversas abordagens linguísticas funcionais e formais, tendo por base quer categorias sintácticas, quer semânticas, quer pragmáticas. Face a outros quadros teóricos, como o do actual grupo de investigação em linguística formal da Universidade de Praga (*vide*, e.g., Hajicová e Sgall, 1987 e Hajicová, 1994), a concepção de tema que seguimos distingue-se por ser independente da estrutura informacional e do grau de ligação contextual.
- 2 A sequência pela qual os constituintes ocorrem na frase é um meio de marcação temática a que recorrem as línguas indo-europeias. Há línguas que dispõem de outros processos para marcarem o tema frásico: no Japonês, por exemplo, o elemento temático é assinalado pela posposição do afixo *-wa* ao elemento que desempenha a função de tema (cf. Halliday, 1985: 38 e Hajicová, 1994: 255).
- 3 Seguindo a terminologia de van Dijk, concebemos as superestruturas como formas ou esquemas globais de categorias funcionais culturalmente convencionalizadas, que respeitam determinadas regras de combinação e ocorrência e impõem certas restrições semânticas.
- 4 Este aspecto tem a ver com o tipo de construção sintáctica e a organização linear dos constituintes frásicos. São temas marcados os constituintes de significado ideacional cuja ocorrência em posição temática decorra de uma alteração da ordem básica dos constituintes na frase.
- 5 Com o objectivo de facilitar a remissão para o texto, identificaremos cada uma das unidades frásicas por meio de letras do alfabeto do Português e de numeração árabe, seguindo em ambos os sistemas a ordem usual destas unidades: as letras assinalarão os parágrafos; os números, os períodos frásicos — nos casos em que o período for constituído por mais de uma unidade frásica, a numeração principal será especificada em “subsecções” (por exemplo, 1.1., 1.2., etc.).
- 6 Truncámos o texto original em dois passos: para análise não tomaremos em consideração uma sequência textual que reproduz o telegrama da *France-Press*, já que se trata de um segmento exterior ao texto produzido pelo locutor, bem como um comentário que o locutor faz a propósito das actividades da Academia Francesa (presente no primeiro período do quarto parágrafo do texto do autor), visto tratar-se de uma expressão parentética, à margem da argumentação desenvolvida no texto.
- 7 A ocorrência do predicador no tema não é aqui considerada como resultado de uma forma de selecção marcada visto estarmos face a uma construção de sujeito indeterminado (*vide* Mateus *et al.*, 1992³: 212).

8 Interpretamos *como o reconheceu a Academia Francesa* (em [D4.2]) como um elemento interpessoal na medida em que se trata de uma expressão que manifesta um significado que não deverá ser integrado na dimensão ideacional construída pelo texto. As expressões deste tipo explicitam em que perspectiva deverão ser considerados os conteúdos proposicionais expressos na oração principal (neste caso, indica-se que a posição do locutor pode ser comparada à da Academia Francesa e que se encontra em conformidade com a desta instituição). Podemos reconhecer nesta expressão uma estratégia para sustentar a autoridade do argumento aduzido na frase.

Esta expressão poderá também ser entendida como um elemento de significado textual, na medida em que funciona também como um sinalizador que indica ao alocutário que a proposição que se segue já foi enunciada no co-texto anterior. Como não tomamos em consideração a sequência para a qual esta expressão reenvia, privilegiamos aqui a análise desta como elemento de significado interpessoal.

9 Tomamos estes conceitos na acepção que têm na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et al.*, 1992³: 140): “Chamamos **antecedente** ao membro da sequência de cujo conteúdo proposicional depende semanticamente o conteúdo proposicional do outro membro — o **consequente**”.

10 Entre as proposições envolvidas em [H11], além deste nexo de dependência semântica, há ainda uma relação de co-referencialidade (cf. Mateus *et al.*, 1992³: 296).

11 É interessante notar que nos parágrafos D a G, inclusive, parece desenhar-se um esquema vagamente simétrico que tem o parágrafo F como plano mediano (plano em relação ao qual se define a simetria): repare-se na ocorrência de *terra* e *aterrar* nos parágrafos que antecedem este, na ocorrência de *alunar* no parágrafo que o segue e na ocorrência dos dois termos, *aterrar* e *alunar*, no rema do parágrafo F; repare-se ainda que ambos os planos são iniciados por expressões de significado interpessoal (*Pela minha parte* [D4.1] e *Estou convencido de que* [G9.1]), o que propicia esta possível aproximação das duas sequências.

Bibliografia

- ADAM, J.-M. (1992) - *Les textes: types et prototypes*, Paris, Éditions Nathan.
- BOISSINOT, A. (1992) - *Les textes argumentatifs*, CRDP-Toulouse, Bertrand-Lacoste.
- DJK, T. A. van (1980) - *Macrostructures*, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates.
- DJK, T. A. van e KINTSCH, W. (1983) - *Strategies of Discourse Comprehension*, New York, Academic Press.
- FONSECA, J. (1992) - *Linguística e Texto/Discurso: Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação - ICALP.
- HAJICOVÁ, E. (1994) - «Topic/Focus and Related Research», LUELSDORFF, P. A. (ed.), *The Prague School of Structural and Functional Linguistics*, Amsterdam, John Benjamins, p. 245-275.
- HAJICOVÁ, E. e SGALL, P. (1987) - «The Ordering Principle», *Journal of Pragmatics*, n.º 11, p. 435-454.

PARA O ESTUDO DAS DIFERENÇAS TEXTUAIS TIPOLÓGICAS

- HALLIDAY, M. A. K. (1985) - *An Introduction to Functional Grammar*, London, Edward Arnold.
- JUST, M. A. e CARPENTER, P. (1987) - *The Psychology of Reading and Language Comprehension*, Boston, Allyn and Bacon.
- LOPES, A. C. M. (1997a) - «A Argumentação: uma área de investigação pluridisciplinar», *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXI, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 157-175.
- LOPES, A. C. M. (1997b) - «Então: elementos para uma análise semântica e pragmática», *Actas do XII Encontro da APL*, vol. I, Lisboa, Colibri, p. 177-190.
- MANN, W. C. e THOMPSON, S. A. (1988) - «Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization», *Text*, n.º 8 (3), p. 243-281.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* (1992³) - *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- PETTJEAN, A. (1989) - «Les typologies textuelles», *Pratiques*, n.º 62, Metz, p. 86-125.